EPISÓDIO

2

CONTESTADO: UMA FERROVIA AMERICANA E A GUERRA QUE O BRASIL ESCONDEU

A República deu a uma empresa americana a terra em volta de uma ferrovia em Santa Catarina. Pra tirar os caboclos que viviam ali, mandou o Exército, canhão e o primeiro avião militar do país.

NESTE EPISÓDIO

O recado na porta da venda
A terra dada: 15 km de cada lado do trilho
Oito mil enxadas
A maior serraria da América do Sul
O santo do pobre
A cidade santa
A empresa pede tropa
O avião e a fome
O açougue
Os redutos também matavam
Por que o Brasil escondeu
O que tem hoje no chão da serraria
Fontes

Versão de 1 de novembro de 2026.
https://fiovermelho.org/episodios/contestado-a-guerra-da-ferrovia/
Pode copiar e distribuir, citando o Fio Vermelho (CC BY 4.0):
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

O RECADO NA PORTA DA VENDA

Em 1914, na Guerra do Contestado, um bando de sertanejos atacou uma estação da Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande, no planalto de Santa Catarina. Antes de ir embora, deixaram um recado escrito na porta de uma venda. Um militar que lutou do outro lado, Demerval Peixoto, copiou o texto do jeito que eles escreviam.

> *O guverno da República toca os Filhos Brasileiros dos terreno que pertence a nação e vende para o estrangeiro*
> *— Recado de rebeldes do Contestado, copiado por Demerval Peixoto, Campanha do Contestado, vol. I, 1914*

Traduzindo: o governo da República toca os filhos brasileiros das terras que pertencem à nação, e vende pro estrangeiro. Tocar, ali, é tocar como se toca gado: expulsar. O recado tem mais linhas, e elas voltam no fim desta história.

E o estrangeiro tinha nome: uma empresa americana, dona daquela ferrovia. O governo tinha dado pra ela a terra em volta dos trilhos, até 15 quilômetros pra cada lado. Mais de três horas de caminhada pra direita, e mais três pra esquerda, ao longo da linha. Só que essa terra tinha gente: gente que plantava ali havia gerações, e não tinha papel nenhum.

Pra tirar essa gente, a República mandou milhares de soldados e canhão. E usou avião numa operação militar pela primeira vez na história do Brasil. Contra camponês. Morreram milhares, e quantos, ninguém contou direito.

Durante quase setenta anos, essa guerra quase não apareceu em público. Quem ganhou não teve pressa de contar, porque contar essa guerra inteira mostra pra quem a República trabalhava. E leva até o que ocupa, hoje, o chão da maior serraria daquela empresa.

Fontes deste capítulo: **1, 2, 3, 5, 6, 11 e 16**

A TERRA DADA: 15 KM DE CADA LADO DO TRILHO

A empresa era a Brazil Railway, do empresário americano Percival Farquhar. Em 1907, ela comprou o controle da ferrovia que ia ligar São Paulo ao Rio Grande do Sul. O pedaço que faltava construir cortava o meio de Santa Catarina.

O contrato vinha do Império, e a República confirmou em 1890, com o Decreto nº 305, de 7 de abril. Terra do governo em volta da linha, até 15 quilômetros de cada lado, de presente pra companhia. O contrato ainda

garantia juros sobre o dinheiro investido, por quilômetro de trilho: se a ferrovia rendesse pouco, o cofre público cobria a diferença.

O contrato do Império tinha uma contrapartida: assentar até 10 mil famílias, cada uma com um lote e uma casa. O decreto de 1890 derrubou essa parte. Sobre as cláusulas de colonização, o texto republicano diz só isto:

> *Decreto nº 305, Cláusula IV (sobre as cláusulas de colonização) · 1890-04-07 · citado por Márcia Espig, Varia Historia, 2012, p. 854*
> *(...) ficam de nenhum effeito.*

A obrigação caiu. A terra ficou.

O governo chamava aquilo de terra devoluta, quer dizer, terra sem dono. Só que dentro da faixa morava caboclo, indígena, gente que vivia de roça e de colher erva-mate. Quem diz isso é o próprio Arquivo Nacional, num texto do historiador Paulo Pinheiro Machado.

> *Arquivo Nacional, série "Que República é essa?" · 2018-07-31 · Paulo Pinheiro Machado, "Contestado"*
> *dentro desta faixa de terrenos existiam muitos posseiros caboclos, indígenas e ervateiros*

Posseiro é isso: quem mora e planta na terra há anos, sem escritura. E a lei brasileira do século 19 reconhecia a posse de quem morava e cultivava. Na prática, quem decidia era o mais forte. E a partir de 1908, quando a companhia começou a medir a terra e a tirar posseiro, o mais forte era a companhia.

Fontes deste capítulo: **1, 2 e 3**

OITO MIL ENXADAS

Pra abrir a linha no meio do mato, entre 1908 e 1910, a obra juntou uns 8 mil trabalhadores braçais. Chamavam de turmeiro: abria caminho, tirava pedra, assentava trilho. Muitos eram colonos imigrantes do Paraná, que vinham na entressafra ganhar um dinheiro a mais.

O salário passava pela mão de pequenos empreiteiros. E a comida, o trabalhador comprava em armazém da própria companhia. É o patrão que paga com uma mão e vende o feijão com a outra.

E a ferrovia tinha polícia própria. O Corpo de Segurança passou de 300 homens armados, mais que a polícia do estado do Paraná naquela época. Ao que tudo indica, nasceu pra segurar os próprios turmeiros. Depois, ganhou outro serviço: tirar posseiro da terra da companhia.

Em dezembro de 1910, os trilhos chegaram ao rio Uruguai, em Marcelino Ramos. A obra acabou. E os turmeiros? Quem responde é o general

Setembrino de Carvalho, o mesmo que depois comandou a guerra contra os caboclos, no relatório que mandou ao ministro da Guerra em 1916.

> *Relatório do general Setembrino de Carvalho ao ministro da Guerra · 1916 · p. 3-4, transcrito por Márcia Espig, Anos 90, 2007*
> *Terminada a construcção e por uma deslealdade dos empreiteiros commummente praticada com esses homens desprotegidos, foram os trabalhadores da linha abandonados nos mesmos sitios em que se achavam as turmas*
> *(…) os sertões foram se enchendo dos peiores malfeitores (…) manejando por igual a picareta e a faca*

Terminada a obra, os trabalhadores foram abandonados onde estavam, por deslealdade dos empreiteiros. No mesmo parágrafo, o general chama esses homens de os piores malfeitores, gente que manejava a picareta e a faca. A ordem é essa: a obra usa, o empreiteiro larga, e o general chama de bandido quem ficou largado.

Esses homens largados viraram rebeldes? A historiadora Márcia Espig foi atrás e achou um problema: quase todo livro repete isso, e a única fonte documental é esse relatório do general. Ela mostra que muitos turmeiros foram embora aos poucos, de volta pras colônias. Quantos ficaram e pegaram em armas, ninguém provou. O bandido vindo de fora é a versão de quem fez a guerra.

Fontes deste capítulo: **2, 3, 4 e 20**

A MAIOR SERRARIA DA AMÉRICA DO SUL

Enquanto o trilho avançava, o mesmo grupo abria uma madeireira, a Southern Brazil Lumber and Colonization Company, a Lumber. Em Três Barras, no norte de Santa Catarina, ela montou em 1910 a maior serraria da América do Sul. O alvo era a araucária, o pinheiro-do-paraná, a árvore do pinhão. E junto, imbuia, cedro, canela-preta.

Em 1913, a companhia já tinha uns 324 mil hectares. Mais de duas vezes o tamanho da cidade de São Paulo. A serraria chegou a ter uns 2 mil operários, entre o galpão e o corte no mato.

Em 1911, a companhia publicou um edital num jornal da região, *O Palmense*:

> *Edital da Companhia Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande, jornal O Palmense · 1911-11-05*

> *Este faz saber a todos que é expressamente proibido invadir ou ocupar os terrenos pertencentes à Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (…)*

O verbo escolhido foi invadir. Quem já morava ali antes do trilho chegar virou o invasor.

Em 1999, um morador da região contou ao historiador Paulo Pinheiro Machado o que a mãe dele tinha visto:

> *Em alguns lugares tiravam à força mesmo, com capangas. Em outras situações eles obrigavam o pessoal a assinar um papel em branco (…) As assinaturas serviam para as pessoas renunciarem ao direito de posse. Isto minha mãe viu pessoalmente*
> *— Morador da região, em depoimento a Paulo Pinheiro Machado, 1999*

O papel em branco vinha com a promessa de acertar a terra de todo mundo. É memória de filho, contada décadas depois, e não tem documento que confirme. Mas bate com o que o edital do jornal já dizia: no papel, a terra já tinha outro dono.

O nome oficial era Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande. Nos trens, só as iniciais: EFSPRG. Demerval Peixoto, o militar que copiou o recado, anotou como o povo de um lugarejo, Perdizes, lia aquelas letras: **Estrada Feita Somente pra Roubar pro Governo**.

> *Havia-se gerado entre aquela ignorante gente a convicção de que as iniciais EFSPRG nos trens traduziam a esquisita sentença estrada feita somente para roubar pro governo*
> *— Demerval Peixoto, Campanha do Contestado, vol. III*

O militar escreveu que era coisa de gente ignorante. Pra quem tinha perdido a terra pra linha, era um resumo.

Fontes deste capítulo: **2, 5, 9 e 10**

O SANTO DO POBRE

Sem terra e sem ninguém por ele, o caboclo tinha um santo de casa: João Maria. Na verdade, pelo menos dois andarilhos usaram esse nome. Um italiano, no meio do século 19. E outro, mais ou menos de 1890 a 1908.

Benziam, mandavam levantar cruz, indicavam água boa pra curar. O segundo batia de frente com o padre e pregava que o fim do mundo estava perto.

Em 1912, apareceu um terceiro: José Maria, curandeiro, que dizia ser irmão do monge. Receitava chá e garrafada. Num sertão quase sem médico, ele era o posto de saúde que existia.

Em agosto daquele ano, ele foi chamado pra festa do Bom Jesus em Taquaruçu, no município de Curitibanos. Veio doente de toda parte. A festa acabou e o povo não foi embora.

O prefeito de Curitibanos, Francisco de Albuquerque, era fazendeiro e coronel. Coronel, ali, não é patente: é o chefão político do lugar. Ele desconfiou que o curandeiro trabalhava pro inimigo político dele e chamou a polícia de Florianópolis. E deu à gente da festa o rótulo de fanáticos e monarquistas, o mesmo que a República tinha pregado em Canudos, a guerra do sertão da Bahia, quinze anos antes.

José Maria saiu com um grupo pro Irani, numa terra que o Paraná e Santa Catarina disputavam e que o Paraná administrava. O Paraná mandou a polícia do estado, comandada por um coronel de farda, João Gualberto. Em 22 de outubro de 1912, a polícia foi batida. Morreu o coronel João Gualberto. E morreu José Maria.

O governo achou que tinha acabado. Só que a morte transformou o curandeiro em santo: ele ia voltar, diziam, à frente de um exército encantado.

Fontes deste capítulo: **1, 5, 6 e 7**

A CIDADE SANTA

Um ano depois, o povo voltou pra Taquaruçu, em volta de uma menina, Teodora, que sonhava com José Maria mandando todo mundo voltar. Ali nasceu o que eles chamavam de cidade santa, ou quadro santo. A terra, o gado e a roça eram de todo mundo junto.

Um ditado dos redutos, registrado pela historiadora Marli Auras, resume a regra:

> *quem tem, mói; quem não tem, mói também, e no final,*
> *todos ficarão iguais*
> *— Ditado dos redutos do Contestado, registrado por Marli Auras em Guerra do Contestado, 1984*

Moer, ali, é levar o milho pro moinho. Quem tinha milho e quem não tinha saía de lá com farinha.

Onde chegavam, queimavam cartório e derrubavam cerca. Cartório, pra eles, era o lugar onde a terra deles virava a terra de outro. Na praça das quatro cruzes, o povo se juntava pra rezar e pegar a tarefa do dia. A religião era o jeito que aquela gente tinha de se organizar.

O movimento se espalhou por mais de 22 mil quilômetros quadrados, uma área maior que o estado de Sergipe inteiro. O maior reduto, Santa Maria, tinha 5.500 casas, contou um capitão do Exército. Há relatos de mais de 20 mil pessoas só ali.

Em junho de 1914, um capitão mandado pra patrulhar a região, Matos Costa, deu uma entrevista a um jornal do Paraná e contou do que os rebeldes reclamavam:

> *Entrevista do capitão Matos Costa a um jornal paranaense · 1914-06 · transcrita por Demerval Peixoto, Campanha do Contestado, vol. I, p. 156*
> *Os jagunços queixam-se que o coronel Artur de Paula e outros chefes políticos lhes tomaram as terras que habitavam e agora lhes impedem de recorrer às terras devolutas do Governo, por se terem apossado delas pessoas conhecidas e que tem facilidade de obter dos governos, grandes territórios nos dois Estados*

O coronel Artur de Paula e outros chefes políticos tinham tomado as terras onde eles moravam. E nem as terras do governo eles podiam pedir mais, porque gente conhecida, com facilidade nos governos, tinha pegado territórios enormes nos dois estados. Quem diz é um oficial do Exército, no meio da guerra.

Fontes deste capítulo: **2, 5, 6, 8 e 18**

A EMPRESA PEDE TROPA

Meses antes dessa entrevista, em fevereiro de 1914, já tinha vindo a primeira resposta de peso. O Exército cercou Taquaruçu pelo alto e abriu fogo. Os homens adultos estavam fora, levantando um reduto novo mais ao norte. No vale, eram sobretudo mulheres, crianças e velhos, mais de 200 pessoas.

Foram 175 granadas de estilhaço num dia. Mais de 200 casas e a igreja foram destruídas.

Um morador da região, que era criança na guerra, guardou a cena de um reduto bombardeado, sem dizer qual: todo mundo correu pra igreja, e o canhão acertou a igreja lotada de criança e mulher.

> *todos correram para a igreja (…) um tiro de canhão atingiu a igreja, que estava lotada de crianças e mulheres, pegou fogo (…) isto eu vi*
> *— João Maria Palhano, criança na guerra, em entrevista a Paulo Pinheiro Machado*

No mês seguinte, o Exército atacou o reduto novo, Caraguatá, e perdeu. Tinha atirador caboclo escondido no alto das araucárias e das imbuias, e soldado atraído pra trilha sem saída no espinheiro. Quem guiava aquele reduto era uma menina de 15 ou 16 anos, Maria Rosa. Andava de branco, num cavalo branco.

Em setembro, os rebeldes atacaram Calmon, uma das sedes da Lumber. Queimaram a serraria e as instalações da ferrovia. Num desses ataques, morreu o capitão Matos Costa, o da entrevista.

Os governos do Paraná e de Santa Catarina pediram força federal. E os diretores da Lumber também pediram. Naquele mesmo setembro, o governo mandou o general Setembrino de Carvalho. A empresa pediu tropa, e a República mandou o Exército.

Ele juntou de 6 a 8 mil soldados, conforme a conta. E mais uns 2 mil civis armados, os vaqueanos: peão de fazendeiro posto em armas. O historiador Paulo Pinheiro Machado calcula que era mais da metade de toda a tropa do Exército brasileiro. Tudo isso pra cercar caboclo de facão e espingarda, no meio de Santa Catarina.

Fontes deste capítulo: **1, 4, 5, 6, 7, 9 e 17**

O AVIÃO E A FOME

O plano do general era cercar: fechar os quatro lados, cortar a comida e esperar. E foi nesse cerco que o Exército brasileiro usou avião em operação militar pela primeira vez. O piloto era o tenente Ricardo Kirk, primeiro aviador militar do Exército, formado na França.

Em 1º de março de 1915, Kirk decolou pra uma missão que o próprio Exército descreve assim:

> *missão de reconhecimento com bombardeio no reduto de Santa Maria*
> *— Exército Brasileiro, 23 de março, Dia da Aviação do Exército, 2025*

Se chegou a cair bomba, o texto não diz. Com tempo ruim e quase nada de visibilidade, o avião bateu num pinheiro alto e caiu. Kirk morreu. A madeireira derrubava pinheiro pra vender; o primeiro avião de guerra do Brasil caiu batendo num.

Em abril, Santa Maria foi destruída. E o que mais matou ali não foi bala. Foi a fome do cerco. Um homem que viveu nos redutos até o fim, Raulino Correa, contou ao historiador Paulo Pinheiro Machado o que acontecia quando aparecia uma rês pra matar:

> *as crianças cercavam o animal abatido e comiam até as tripas quentes*
> *— Raulino Correa, que viveu nos redutos, em entrevista*
> *a Paulo Pinheiro Machado*

No fim, comiam xaxim, raiz, o que se mexesse.

Quantos morreram, ninguém contou. As estimativas vão de 3 mil a 30 mil, e a mais citada fala em mais de 10 mil. Paulo Pinheiro Machado estima que em combate não chegou a mil. A fome é que matou família inteira: seguramente mais de 10 mil pessoas.

Fontes deste capítulo: **4, 5, 11, 16 e 19**

O AÇOUGUE

Com Santa Maria no chão, o general deu a missão por cumprida, e boa parte do Exército foi embora. Os sobreviventes formaram redutos novos. E o serviço ficou com outra gente. Um juiz de Canoinhas, o doutor Miletto, deu a receita num jornal de Lages, *O Lageano*, em junho de 1915:

> *a luta, para ser profícua ao restabelecimento da ordem sem grandes ônus ao país, tem que ser de caboclos contra caboclos*
> *— Juiz Miletto, de Canoinhas, O Lageano, 26 de junho de 1915, 1915*

Pra sair barato pro país, a luta tinha que ser de caboclo contra caboclo. O governo federal mandou armas pra civis. E os vaqueanos, gente de coronel, passaram a caçar caboclo no mato.

Conta o historiador Paulo Pinheiro Machado que os vaqueanos eram pagos pelo número de orelhas que traziam. O povo da região deu nome a essa fase: o açougue.

Em Canoinhas, um chefe vaqueano, Pedro Leão de Carvalho, o Pedro Ruivo, foi processado, acusado de tirar mais de cem presos da cadeia da vila e degolar na beira do rio Iguaçu. O promotor juntou as provas e o juiz aceitou. E o júri absolveu Pedro Ruivo três vezes.

Adeodato Ramos virou chefe dos redutos em novembro de 1914, quando morreu o chefe anterior. Foi o último. Caiu preso no fim da guerra e, segundo o Arquivo Nacional, continuou preso de forma ilegal. Em 1923, foi morto pelo diretor do presídio de Florianópolis.

O acusado de degolar cem presos saiu livre. O chefe caboclo morreu na cadeia.

Fontes deste capítulo: **1, 5 e 6**

OS REDUTOS TAMBÉM MATAVAM

Agora a parte que quem defende os caboclos costuma pular: os redutos também mataram, e muito. No ataque a Calmon, os homens adultos da

vila foram mortos. Os piquetes rebeldes arrancavam gado das fazendas e levavam gente pro reduto por bem ou por mal.

E o último chefe, Adeodato, comandou o fim dos redutos no terror. Sobreviventes contam que ele matava quem tentava sair, com medo de fuga, e que muita gente só ficava por medo dele.

E sim, eles eram monarquistas. Era uma das linhas do recado da porta da venda, que pedia a lei de Deus, que é a monarquia. Só que um antigo rebelde, Paulino Pereira, explicou em 1954, numa entrevista a Maurício Vinhas de Queiroz, o que monarquia queria dizer pra ele:

> *no tempo do Império não havia tais violências... As terras, cada caboclo podia então requerer para si*
> *— Paulino Pereira, antigo rebelde, a Maurício Vinhas de Queiroz, 1954*

A monarquia que eles queriam de volta era o tempo de antes do trilho. Não o imperador. A terra.

Nada disso muda a ordem dos fatos. Primeiro veio a concessão, o aviso no jornal, a polícia da companhia. Depois veio o reduto. E o terror do fim aconteceu dentro de um cerco montado pra vencer pela fome. Quem pediu tropa federal não foi o caboclo.

Fontes deste capítulo: **2, 5 e 7**

POR QUE O BRASIL ESCONDEU

Começa pelo nome. Contestado não é o nome de uma guerra. É o nome de uma briga de divisa: uma terra que Paraná e Santa Catarina disputavam.

Em 1916, com a guerra no fim, os dois governos assinaram um acordo de limites e dividiram o mapa. Numa das cláusulas, segundo o Arquivo Nacional, ficavam garantidos os interesses dos coronéis do Paraná. Por muito tempo, foi isso que se contou: uma questão de limites. A guerra virou uma linha no mapa.

Depois veio o silêncio, até os anos 1980. E até descendente de rebelde aprendeu a chamar os seus de jagunço e fanático. Boa parte dos papéis do Exército só foi liberada em 1996, no centenário de Canudos. Sobre o Contestado, o historiador Paulo Pinheiro Machado achou ali 32 caixas.

E a versão do vencedor segue viva. O neto de um coronel do planalto disse ao historiador:

> *A guerra foi assim, puro banditismo (...) Naquela época havia terra de sobra para quem quisesse*
> *— Neto de um coronel do planalto, em entrevista a Paulo Pinheiro Machado*

A gente já contou Canudos nesta série. Canudos ganhou um livro famoso, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, de 1902. Já houve quem dissesse que faltou ao Contestado o seu Euclides da Cunha. Faltou mais que isso. Faltou a quem ganhou alguma vontade de contar como ganhou.

Fontes deste capítulo: **1, 5, 6 e 8**

O QUE TEM HOJE NO CHÃO DA SERRARIA

Falta a pergunta do começo: e o chão da serraria? A Lumber seguiu serrando por mais de 20 anos depois da guerra. Em 1940, o governo de Getúlio Vargas passou os bens da companhia pra União, pelo Decreto-Lei nº 2.346, de 22 de julho. Em 1952, a área da serraria de Três Barras foi entregue ao Exército.

Hoje, ali é um campo de treinamento do Exército, o Campo de Instrução Marechal Hermes. Nos anos 1950, o governo ainda desapropriou mais de 7 mil hectares em volta pra aumentar o campo.

Entre 27 de setembro e 2 de outubro de 2026, segundo o material da própria artilharia do Exército publicado pelo site Sociedade Militar, 1.010 militares fizeram ali um exercício de tiro real de artilharia: canhão, morteiro pesado e drone carregado de explosivo. O nome do exercício, segundo esse mesmo material: **Operação Setembrino de Carvalho**. O general do cerco, que depois virou ministro da Guerra.

O piloto da missão sobre Santa Maria, Ricardo Kirk, virou em 2021 o patrono da aviação do Exército. A base dessa aviação, em Taubaté, se chama Forte Ricardo Kirk.

E Calmon, onde ficava uma das sedes da Lumber, teve na última medição por cidade, de 2010, a segunda pior nota de qualidade de vida de Santa Catarina: IDHM de 0,622, contra 0,774 do estado. A araucária hoje está na lista das árvores ameaçadas de extinção. O general virou nome de exercício de tiro.

Volta pro recado da porta da venda. A última frase dele era esta:

> *nós agora estemo disposto a fazer prevalecer os noços direito*
> *— Recado de rebeldes do Contestado, copiado por Demerval Peixoto, Campanha do Contestado, vol. I, 1914*

Nós agora estamos dispostos a fazer prevalecer os nossos direitos. Não escreveram eu. Escreveram nós. Gente que ninguém deixou ter papel de terra escreveu o seu, na porta de uma venda.

O Exército guarda os seus nomes: Setembrino, Kirk. Os nossos são Teodora, Maria Rosa, José Maria. E tem os 8 mil que abriram a linha e foram largados: contaram quantos eram, mas nenhum nome ficou no papel.

Quem tem poder organiza a memória do jeito que lhe convém. A nossa, ou a gente organiza junto, ou vira linha de divisa no mapa. Quando disserem que o Brasil é um país sem guerra, lembra do planalto de Santa Catarina. Teve canhão, teve avião, e do outro lado tinha um recado escrito nós.

Fontes deste capítulo: **2, 4, 9, 11, 12, 13, 14 e 15**

FONTES

Cada fonte com o endereço por extenso. *Confirmada*: as fontes contam o fato do mesmo jeito. *Disputada*: os historiadores discordam, e a gente mostra as versões.

1 **Contestado (série "Que República é essa?")**
Paulo Pinheiro Machado (UFSC), Arquivo Nacional · capítulos 1, 2, 5, 7, 9 e 11
`https://querepublicaeessa.an.gov.br/index.php/que-republica-e-essa/assuntos/temas/97-tema-contestado`
☐ CONFIRMADA

2 **Posseiros e intrusos: o direito à terra na região do Contestado**
Tarcísio Motta de Carvalho, ANPUH, XXII Simpósio Nacional (cita Demerval Peixoto, Campanha do Contestado) · capítulos 1, 2, 3, 4, 6, 10 e 12
`https://mail.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177541_67159c6a51c0f97ed15f044aab9f6c74.pdf`
☐ CONFIRMADA

3 **A construção da Linha Sul da EFSPRG (1908-1910): mão de obra e migrações**
Márcia Janete Espig, Varia Historia (UFMG) v. 28 n. 48, p. 849-869 · capítulos 1, 2 e 3
`https://www.redalyc.org/pdf/3844/384434846017.pdf`
☐ CONFIRMADA

4 **Breve estudo sobre o Movimento do Contestado: a historiografia militar e o caso dos operários da EFSPRG**
Márcia Janete Espig, Anos 90 (UFRGS) v. 14 n. 25, p. 199-219 (transcreve o relatório de Setembrino de Carvalho, 1916) · capítulos 3, 7, 8 e 12
`https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/5407`
☐ CONFIRMADA

5 **Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado**
Paulo Pinheiro Machado, Topoi v. 12 n. 22, p. 178-186 · capítulos 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11
`https://revistas.ufrj.br/index.php/topoi/article/view/70481`
☐ CONFIRMADA

6 **Contestado: a história bem-contada**
Luiz Sugimoto, Jornal da Unicamp (sobre Paulo Pinheiro Machado, Lideranças do Contestado, 2004) · capítulos 1, 5, 6, 7, 9 e 11

https://www.cecult.ifch.unicamp.br/pf-cecult/public-files/publicacoes/83/liderancas-luiz-sugimoto.pdf

☐ CONFIRMADA

7 **Resenha de Lideranças do Contestado, de Paulo Pinheiro Machado**
Enéas Athanázio · capítulos 5, 7 e 10

https://www.cecult.ifch.unicamp.br/pf-cecult/public-files/publicacoes/83/paulopinheiro-05.pdf

☐ CONFIRMADA

8 **Resenha de Guerra do Contestado: a organização da Irmandade Cabocla, de Marli Auras**
Waldir Rampinelli (UFSC), Lutas Sociais (PUC-SP) · capítulos 6 e 11

https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/download/61470/41843/193574

☐ CONFIRMADA

9 **Cicatrizes do Contestado: a estatização da Southern Brazil Lumber and Colonization Company e o advento do Campo de Instrução Marechal Hermes**
Alexandre Assis Tomporoski, Desenvolvimento Regional em Debate v. 6 n. 3, p. 178-192 · capítulos 4, 7 e 12

https://www.redalyc.org/journal/5708/570863074010/movil/

☐ CONFIRMADA

10 **A Lumber, o Contestado e a história do desmatamento da floresta de araucária (1911-1950)**
Miguel M. X. de Carvalho e Eunice S. Nodari (UFSC), Rede Brasileira de História Ambiental · capítulo 4

https://www.uvm.edu/~jfarley/UFSC%20AE%20PES/literature/desmatamento.html

☐ CONFIRMADA

11 **23 de março — Dia da Aviação do Exército**
Exército Brasileiro · capítulos 1, 8 e 12

https://www.eb.mil.br/documents/d/central-de-conteudos/aviacao-23-mar-2025

☐ CONFIRMADA

12 **Exército mobiliza 1.010 militares e mais de 130 viaturas em exercício com fogo real**
Sociedade Militar (material da Artilharia Divisionária da 5ª Divisão de Exército) · capítulo 12

https://www.sociedademilitar.com.br/2026/10/exercito-mobiliza-1-010-militares-e-mais-de-130-viaturas-em-exercicio-com-fogo-real-testa-obuseiros-autopropulsados-e-rebocados-morteiros-pesados-e-municoes-remotamente-pilotadas-af26-afch.html

☐ CONFIRMADA

---

13 **Decreto nº 32.431, de 17 de março de 1953**
Presidência da República · capítulo 12

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/decretos/1953/D32431.html

☐ CONFIRMADA

---

14 **Lista de municípios de Santa Catarina por IDH-M**
Wikipédia, com dados do PNUD (2010) · capítulo 12

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_de_Santa_Catarina_por_IDH-M

☐ CONFIRMADA

---

15 **Estudo sobre o risco de extinção das árvores da Mata Atlântica**
Agência FAPESP · capítulo 12

https://agencia.fapesp.br/50617

☐ CONFIRMADA

---

16 **Contestado: a história bem-contada (número de mortos)**
Luiz Sugimoto, Jornal da Unicamp, citando Paulo Pinheiro Machado · capítulos 1 e 8

https://www.cecult.ifch.unicamp.br/pf-cecult/public-files/publicacoes/83/liderancas-luiz-sugimoto.pdf

■ DISPUTADA

Aqui os historiadores discordam.

---

17 **Contestado (tamanho da tropa de Setembrino)**
Paulo Pinheiro Machado, Arquivo Nacional · capítulo 7

https://querepublicaeessa.an.gov.br/index.php/que-republica-e-essa/assuntos/temas/97-tema-contestado

■ DISPUTADA

Aqui os historiadores discordam.

---

18 **Guerra, cerco, fome e epidemias (área do movimento)**
Paulo Pinheiro Machado, Topoi · capítulo 6

https://revistas.ufrj.br/index.php/topoi/article/view/70481

■ DISPUTADA

Aqui os historiadores discordam.

---

19 **23 de março — Dia da Aviação do Exército (a queda de Kirk)**
Exército Brasileiro · capítulo 8
https://www.eb.mil.br/documents/d/central-de-conteudos/aviacao-23-mar-2025
■ DISPUTADA
Aqui os historiadores discordam.

20 **Breve estudo sobre o Movimento do Contestado (os operários na guerra)**
Márcia Janete Espig, Anos 90 (UFRGS) · capítulo 3
https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/5407
■ DISPUTADA
Aqui os historiadores discordam.

LINHA DO TEMPO

1890-04-07	Decreto nº 305 confirma a concessão da ferrovia, com até 15 km de terra de cada lado dos trilhos.
1907	A Brazil Railway, de Percival Farquhar, compra o controle da Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande.
1910	A Lumber, do mesmo grupo, monta em Três Barras a maior serraria da América do Sul.
1911-11-05	Edital da companhia em O Palmense proíbe "invadir ou ocupar" os terrenos dela.
1912-10-22	Combate do Irani: morrem o coronel João Gualberto e o curandeiro José Maria.
1914-02	O Exército bombardeia Taquaruçu com 175 granadas; a igreja e mais de 200 casas são destruídas.
1914-09	Rebeldes queimam Calmon; governos estaduais e a Lumber pedem tropa, e o general Setembrino é enviado.
1915-03-01	Ricardo Kirk decola na primeira missão aérea do Exército, sobre o reduto de Santa Maria, e morre na queda.
1915-04	O reduto de Santa Maria é destruído; a fome do cerco mata mais que as balas.
1940-07-22	Decreto-Lei nº 2.346, de Getúlio Vargas, passa os bens da Brazil Railway e da Lumber à União.
1952-09-11	A área da serraria de Três Barras é transferida ao Exército.
2026-09-27	Começa em Três Barras o exercício de tiro real Operação Setembrino de Carvalho, com 1.010 militares.

CRÉDITOS

IMAGEM
Estação de madeira da Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande em Rio Caçador (SC), c. 1910, com multidão na plataforma — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Esta%C3%A7%C3%A3o_ferrovi%C3%A1ria_Rio_Ca%C3%A7ador.jpg

IMAGEM
Dois homens a cavalo em estrada de terra, com grupo de homens ao fundo, foto da época da guerra (sem identificação) — trecho do filme Olhar Contestado (Fabianne Balvedi, 2012), CC BY 3.0 — Claro Jansson e acervos · CC BY 3.0

https://www.youtube.com/watch?v=FYSXN5YhHqA

IMAGEM
Esquina das ruas Broad e Wall, Nova York, depois de maio de 1913 — Bain News Service (Library of Congress) — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Broad_and_Wall_St._LCCN2014694634.jpg

IMAGEM
Mapa da rede da Brazil Railway no Sul do Brasil, 1913 — Lloyd's Greater Britain Publishing, 'Impressões do Brazil no Seculo Vinte' — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mapa_Brazil_Railway_-_1913.jpg

IMAGEM
Oficiais diante de um avião monoplano, Guerra do Contestado, 1915 — Imprensa Militar — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Avia%C3%A7%C3%A3o_na_Guerra_do_Contestado.jpg

IMAGEM
Cemitério do Contestado (SC) hoje, cruzes de madeira — J. M. Guimarães, domínio público — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cemiterio_do_contestado_01.JPG

IMAGEM
Pilhas altas de tábuas serradas no pátio da serraria — filme da Lumber, 1922 (Botelho Film) — Botelho Film · Todos os direitos reservados ao titular

https://www.youtube.com/watch?v=YsScMnuy2Uw

IMAGEM
Retrato de Percival Farquhar, c. 1913 — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Percival_Farquhar.jpg

IMAGEM
Trilho de bitola estreita com toras e operários em obra de madeireira — filme da Lumber, 1922 (Botelho Film) — Botelho Film · Todos os direitos reservados ao titular

https://www.youtube.com/watch?v=5jN7JG6_QOE

IMAGEM

Mapa das redes ferroviárias brasileiras em 1913, com a Brazil Railway — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_Railway_Company_map.jpg

IMAGEM

Detalhe de uma ação da Brazil Railway Company, 1912 — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_Railway_Company_closeup.jpg

IMAGEM

Decreto manuscrito do Senado Federal de 1918 (anistia aos envolvidos no Contestado), artigos numerados — usado como documento oficial de época, NÃO é o contrato da ferrovia — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Decreto_do_Senado_Federal_anistia_ao_Contestado_1918..jpg

IMAGEM

Corte em rocha aberto a dinamite para a ferrovia Madeira-Mamoré (outra obra do grupo Farquhar, Amazônia), c. 1909 — Museu Paulista/USP; imagem ilustrativa, não é a linha de Santa Catarina — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Trabalhadores_Abrem_Passagem_Rochosa_com_Dinamite_para_Constru%C3%A7%C3%A3o_da_Ferrovia_Madeira-Mamor%C3%A9_-_818,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg

IMAGEM

Acampamento de trabalhadores na construção da ferrovia Madeira-Mamoré (outra obra do grupo Farquhar), c. 1909 — Museu Paulista/USP; ilustrativo — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Acampamento_de_Trabalhadores_da_Constru%C3%A7%C3%A3o_-_555,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg

IMAGEM

Armas de fogo usadas na região nas guerras do Contestado e outras, Museu Histórico de Campos Novos (SC) — Deyvid Setti e Eloy Olindo Setti — Wikimedia Commons · CC BY-SA 3.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Campos_Novos_Museu_Hist%C3%B3rico_Municipal_armas_de_fogo.JPG

IMAGEM

Escavadeira a vapor e barracas na construção da ferrovia Madeira-Mamoré (obra do grupo Farquhar) — Museu Paulista/USP; ilustrativo — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Escavadeira_a_Vapor_Utilizada_na_Constru%C3%A7%C3%A3o_da_Ferrovia_Madeira-Mamor%C3%A9,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg

IMAGEM

Estrutura de madeira e trilhos em obra da ferrovia Madeira-Mamoré (grupo Farquhar) — Museu Paulista/USP; ilustrativo — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Trabalhadores_em_Obras_de_Constru%C3%A7%C3%A3o_da_Ferrovia_Madeira-Mamor%C3%A9_-_1902,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg

IMAGEM
Retrato do general Fernando Setembrino de Carvalho, ministro da Guerra — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:General_Setembrino_de_Carvalho.jpg

IMAGEM
Mata de araucárias no planalto de Campos Novos (SC), hoje — Wikimedia Commons · CC BY-SA 3.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Campos_Novos_Arauc%C3%A1ria.JPG

IMAGEM
Pinha de araucária com pinhões, Itaiópolis (SC) — Paulo Marcelo Adamek — Wikimedia Commons · CC BY-SA 4.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pinha_com_pinh%C3%B5es.jpg

IMAGEM
Boca de túnel de pedra com as letras E.F.S.P.R.G. e o ano na fachada — documentário Memorável Trem de Ferro (TV Brasil/Ernoy Mattiello, 2011) — Wikimedia Commons · CC BY 3.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Document%C3%A1rio_conta_hist%C3%B3ria_da_constru%C3%A7%C3%A3o_da_Estrada_de_Ferro_S%C3%A3o_Paulo-Rio_Grande_-_Parte_1-2.webm

IMAGEM
Igreja Matriz de Curitibanos (SC), hoje — Rafael Drake — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igreja_Matriz_Curitibanos.jpg

IMAGEM
Página de jornal de época 'Os Fanáticos de Taquarussú' — Agência Senado, reportagem 'Esquecida pela história, Guerra do Contestado terminou há 100 anos' (2016). Marca d'água do canto: aplicar recorte espacial — Agência Senado · CC BY 3.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Esquecida_pela_hist%C3%B3ria,_Guerra_do_Contestado_terminou_h%C3%A1_100_anos.webm

IMAGEM
Folha de rosto de 'Os Sertões', Euclides da Cunha, Laemmert, 1902 — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Os_Sert%C3%B5es_livro_1902.jpg

IMAGEM
Infantaria do corpo de polícia marchando rumo à zona de combate, Guerra do Contestado — Claro Jansson/Acervo Dorothy Jansson Moretti — Wikimedia Commons · CC BY-SA 4.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Contestado_tropas_em_marcha.jpg

IMAGEM
Multidão de sertanejos e cavaleiros em campo aberto, imagem da campanha do Contestado — Glaucongaleano — Wikimedia Commons · CC BY-SA 4.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Contestado_santa_catarina.jpg

IMAGEM
Retrato do capitão João Teixeira de Matos Costa, Exército — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Capit%C3%A3o_Matos_Costa.jpg

IMAGEM
Oficiais e soldados do Exército em mato baixo, Colônia Vieira, março de 1915 — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Soldados_em_Col%C3%B4nia_Vieira_(1915).webp

IMAGEM
Escultura de Maria Rosa com bandeira, homenagem moderna em Terra do Contestado (SC) — Gilmar Fernando Ribas; NÃO é foto de época — Wikimedia Commons · CC BY-SA 4.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Homenagem_a_Maria_Rosa,_Terra_do_Contestado_(cropped).jpg

IMAGEM
Praça da República (Rio de Janeiro) com o Quartel do Exército à direita, c. 1904–1910 — Núcleo de digitalização/IMS — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pra%C3%A7a_da_Rep%C3%BAblica;_%C3%A0_direita,_o_Quartel_do_Ex%C3%A9rcito_(007A5P4F02-001).jpg

IMAGEM
Oficiais diante de um avião monoplano, Guerra do Contestado, 1915 (outra versão da foto) — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Avia%C3%A7%C3%A3o_na_Guerra_do_Contestado_(2).jpg

IMAGEM
Retrato do aviador Ricardo Kirk com capacete de voo, antes de 1916 — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cap_Ricardo_Kirk.png

IMAGEM
Militares na vila de Canoinhas, revista Fon-Fon!, 1914–1915 (ilustrativo; não mostra Pedro Ruivo) — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:FON-FON!_NO_CONTESTADO!_-_Villa_de_Canoinhas.jpg

IMAGEM
Recorte da revista de 1916: Adeodato Manoel Ramos preso entre dois militares — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:UM_%C2%ABGENERAL_DOS_FANATICOS%C2%BB.jpg

IMAGEM
Notícia de 1916: 'O Adeodato não foi absolvido' — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:O_Adeodato_n%C3%A3o_foi_absolvido.jpg

IMAGEM
Brasão oficial do Império do Brasil, 1822–1889 — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bras%C3%A3o_Oficial_do_Imp%C3%A9rio_do_Brasil_(1822_-_1889).png

IMAGEM
Ação preferencial da Brazil Railway Company, 1910 — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_Railway_Company_1910.jpg

IMAGEM
Brasão de armas do Paraná, 1910 — Wikimedia Commons · Domínio público
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bras%C3%A3o_de_armas_do_Paran%C3%A1,_1910.jpg

IMAGEM
Retrato de Euclides da Cunha, c. 1900 — Wikimedia Commons · Domínio público
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Euclides_da_Cunha.jpg

IMAGEM
Monumento a Ricardo Kirk (busto em mármore) em Taubaté — denistav, domínio público — Wikimedia Commons · Domínio público
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cavex_ricardokirk_1.jpg

IMAGEM
Pinhas e pinhões de araucária numa caixa de feira — Marcelo Träsel — Wikimedia Commons · CC BY-SA 2.0
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pinh%C3%A3o_(Garfada).jpg

IMAGEM
Escultura em homenagem ao caboclo da Guerra do Contestado — Gilmar Fernando Ribas; NÃO é foto de época — Wikimedia Commons · CC BY-SA 4.0
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Esculturas_da_Guerra_do_Contestado_.jpg

IMAGEM
Página de livro antigo impresso em português (Os Sertões, 1902), usada como imagem ilustrativa de livro de história — Euclides da Cunha · Domínio público
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a3/Euclides_da_Cunha_-_Os_Sert%C3%B5es_%281902%29.pdf#page=40

IMAGEM
Outra página de livro antigo impresso em português (Os Sertões, 1902), ilustrativa — Euclides da Cunha · Domínio público
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a3/Euclides_da_Cunha_-_Os_Sert%C3%B5es_%281902%29.pdf#page=120

IMAGEM
Carro de boi, aquarela da Coleção Brasiliana Iconográfica — Wikimedia Commons · Domínio público
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:N%C2%BA_49_Carro_de_boi,_da_Cole%C3%A7%C3%A3o_Brasiliana_Iconogr%C3%A1fica.jpg

IMAGEM
Retrato do general Fernando Setembrino de Carvalho, c. 1900 — Wikimedia Commons · Domínio público
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fernando_Setembrino_de_Carvalho_(1861-1947)_portrait.jpg

IMAGEM
Obuseiros autopropulsados M109 do Exército Brasileiro em exercício de campo, 2016 — foto Sd Mauro (CEP/FDC), Exército Brasileiro (foto de arquivo do Exército, não é do campo de Três Barras) — Exército Brasileiro / Manobra Escolar 2016 · CC0
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Apoio_Direto_(30710156850).jpg

IMAGEM
Floresta Nacional de Três Barras (SC), 2026 — foto Mathuzza (Wiki Loves Earth) — Mathuzza · CC BY-SA 4.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:FLONA_de_Tr%C3%AAs_Barras-Mathuzza(012).jpg

IMAGEM
Obuseiro M109 de 155 mm do Exército Brasileiro disparando, 2016 — foto Sd Mattos (CEP/FDC), Exército Brasileiro (foto de arquivo do Exército) — Exército Brasileiro / Manobra Escolar 2016 · CC0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tiro_de_M109_(25389383999).jpg

IMAGEM
Obuseiro de 105 mm do Exército Brasileiro em tiro, 2016 — foto Sd Mattos (CEP/FDC), Exército Brasileiro (foto de arquivo do Exército) — Exército Brasileiro / Manobra Escolar 2016 · CC0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Poder_de_fogo_(30723617930).jpg

IMAGEM
Morteiro do Exército Brasileiro disparando no Exercício Conjunto Meridiano Ibagé, 2021 — foto Cel André, Ministério da Defesa — Ministério da Defesa · CC BY 2.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Exerc%C3%ADcio_Conjunto_Meridiano_Ibag%C3%A9_(51691307958).jpg

IMAGEM
Estrada entre araucárias no Paraná, cartão-postal antigo sobre a plantação de erva-mate — reprodução Fernandoweiblen — Fernandoweiblen · CC BY-SA 4.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Old_mat%C3%A9_plantation_in_Paran%C3%A1_Post_Card_with_the_araucaria_in_the_background.JPG

IMAGEM
Sapeco da erva-mate, pintura de Alfredo Andersen (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba) — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alfredo_Andersen_-_Sapeco_da_erva-mate,_s.d..jpg

IMAGEM
Infantaria do Exército em combate contra rebeldes do Contestado — foto de época, Museu do Paraná (local exato não identificado) — Museu do Paraná · CC BY-SA 4.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Combate_no_Contestado.jpg

IMAGEM
Barricada de madeira protegendo a serraria de Três Barras (SC) dos ataques rebeldes, Guerra do Contestado — foto Claro Jansson — Claro Jansson (Acervo Dorothy Jansson Moretti) · CC BY-SA 4.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Contestado_tropa_Ex%C3%A9rcito.jpg

IMAGEM
Arraial de Canudos (BA), c. 1895-97, foto de época (atribuída a Flávio de Barros) — Wikimedia Commons · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Canudos_village.jpg

IMAGEM
Xaxim (Dicksonia sellowiana) em Santo Antônio do Pinhal (SP), 2018 — Wikimedia Commons · CC0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Xaxim_em_Santo_Ant%C3%B4nio_do_Pinhal_1.jpg

MÚSICA
Tension — 1000 Handz · CC BY 4.0

https://freemusicarchive.org/music/1000-handz/cc-by-free-to-use-melodic-rap-instrumentals-vol-2/tension-4/

MÚSICA
Nas Estepes da Ásia Central — Borodin · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3ABorodin_-_In_the_Steppes_of_Central_Asia_%28Musopen_Symphony%29.flac

MÚSICA
Quarteto Americano, III — Dvoák · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3ADvo%C5%99%C3%A1k_-_String_Quartet_No._12_in_F_major%2C_Op._96_%27American%27_-_III._Molto_vivace_%28Musopen_String_Quartet%29.flac

MÚSICA
Peer Gynt, A Morte de Aase — Grieg · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3AGrieg_-_Peer_Gynt_Suite_No._1%2C_Op._46_-_II._The_Death_of_Aase_%28Musopen_Symphony%29.flac

MÚSICA
A Internacional (Degeyter, 1888), arranjo orquestral — Pierre Degeyter (música), arranjo de Jerry Engelbach · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Internationale_orchestral_arrangement.ogg

MÚSICA
At Launch — Kevin MacLeod · CC BY 4.0

https://incompetech.com/music/royalty-free/mp3-royaltyfree/At%20Launch.mp3

MÚSICA
Dark Times — Kevin MacLeod · CC BY 4.0

https://incompetech.com/music/royalty-free/mp3-royaltyfree/Dark%20Times.mp3

MÚSICA
Hero Down — Kevin MacLeod · CC BY 4.0

https://incompetech.com/music/royalty-free/mp3-royaltyfree/Hero%20Down.mp3

MÚSICA
Mary Celeste — Kevin MacLeod · CC BY 4.0

https://incompetech.com/music/royalty-free/mp3-royaltyfree/Mary%20Celeste.mp3

MÚSICA
The Escalation — Kevin MacLeod · CC BY 4.0

https://incompetech.com/music/royalty-free/mp3-royaltyfree/The%20Escalation.mp3

MÚSICA
Sinfonia Escocesa, III — Mendelssohn · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3AMendelssohn_-_Symphony_No._3_in_A_minor%2C_Op._56_%27Scottish%27_-_III._Adagio_%28Musopen_Symphony%29.flac

MÚSICA

Gymnopedie No. 1 — Satie · CC0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gymnopedie_No._1..ogg

MÚSICA

Meditação sobre o Coral de São Venceslau — Suk · Domínio público

https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3ASuk_-_Meditation_on_the_Old_Czech_Chorale_Saint_Wencesla s%2C_Op._35a_%28Musopen_String_Quartet%29.flac

IMAGEM

Tropas de infantaria na linha de frente da Guerra do Contestado — foto de época, Museu do Paraná (local exato não identificado) — Museu do Paraná · CC BY-SA 4.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Infantaria_na_linha_de_frente_no_Contestado.jpg

IMAGEM

Estação e ponte ferroviária de Marcelino Ramos (RS) sobre o rio Uruguai, hoje — Kaktus Kid — Wikimedia Commons · CC BY-SA 4.0

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ponte_e_Esta%C3%A7%C3%A3o_Marcelino_Ramos.JPG

VERSÃO MAIS ATUAL

Aponta a câmera do celular pra ler a versão mais atual.

Versão de 1 de novembro de 2026. A mais atual está em

https://fiovermelho.org/episodios/contestado-a-guerra-da-ferrovia/

A lista de correções está em https://fiovermelho.org/correcoes/

Pode copiar e distribuir, citando o Fio Vermelho (CC BY 4.0): https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/